

**AÇÕES INTERDISCIPLINARES DE EDUCAÇÃO
EM SAÚDE NA ADOLESCÊNCIA¹**

*INTERDISCIPLINAR ACTIONS IN HEALTH
EDUCATION IN TEENS*

**Letícia Seixas Vargas da Silva², Juliana Teixeira Ferreira³,
Juliana Ramos Ziegler⁴, Marília Amaral⁵, Monise Gomes Serpa⁶,
Hedionéia Folletto Pivetta⁶ e Juliana Silveira Colomé⁶**

RESUMO

O artigo trata-se de um relato de experiência das ações desenvolvidas em um projeto de extensão do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA. Este projeto foi desenvolvido em caráter interdisciplinar pelos Cursos de Enfermagem, Odontologia, Fisioterapia e Psicologia. Nele, objetivou-se desenvolver ações interdisciplinares de educação em saúde, da prevenção da gravidez na adolescência, na região de abrangência da Unidade de Saúde da Família Dr. Roberto Binato. O público-alvo foram os adolescentes dos oitavos e nonos anos de uma Escola de Ensino Fundamental, os quais se encontravam na faixa etária dos 12 aos 18 anos. As ações envolveram a comunidade escolar, tendo como foco as Oficinas Educativas em Saúde, as quais utilizaram metodologias participativas para a discussão de temas como: relações familiares, profissionalização, gravidez na adolescência, violência, álcool e drogas, identidade e gênero, dentre outros. Considera-se que as ações desenvolvidas fortaleceram a parceria escola-universidade e a atuação interdisciplinar em saúde, entendida, nesse contexto, como a principal ferramenta de atuação em saúde coletiva.

Palavras-chave: adolescente, extensão comunitária.

¹ Trabalho de Pesquisa e Extensão - PROBEX.

² Acadêmica do Curso de Enfermagem - UNIFRA.

³ Acadêmica do Curso de Odontologia - UNIFRA.

⁴ Acadêmica do Curso de Fisioterapia - UNIFRA.

⁵ Acadêmica do Curso de Psicologia - UNIFRA.

⁶ Orientadoras - UNIFRA.

ABSTRACT

This is an article based on an experiment of actions developed in an extension project from Unifra – Centro Universitário Franciscano. This project was developed in interdisciplinary ambient between Nursery, psychology, physiotherapy and dentistry. The goal was developing a project in health education on prevention in teen preagnancy in Health Center of Family in Dr. Roberto Binato region. The public that they achieve are teens from the last year in elementary school with ages between 12 to 18 years old. It involvs schoolar community with Discussion Groups in health education that use participative methods to discuss themes such as familiar relationships, teen pregnancy, violence, alcohol and drugs abuse, identity and gender, every other themes. The developed actions reinforce partnership between school-college and the interdisciplinary action in health like the most important tool to be used in community healthcare.

Keywords: *teens, community extention.*

INTRODUÇÃO

O projeto “Ações Interdisciplinares de Educação em Saúde na Prevenção da Gravidez na Adolescência” teve início no primeiro semestre do ano de 2008, na Escola de Ensino Fundamental Irmão Quintino, Santa Maria, RS, com o objetivo de promover ações interdisciplinares de educação em saúde na adolescência, na região de abrangência da Unidade de Saúde da Família Dr. Roberto Binato. Esse projeto foi elaborado a partir de necessidades identificadas na comunidade pelos profissionais que compõem a equipe de saúde. O foco das ações em saúde desenvolvidas foi a temática da educação em saúde na adolescência, bem como a ampla rede de questões que se relacionam, diretamente, ao cotidiano dos adolescentes. No decorrer de sua trajetória, destaca-se que as atividades de educação em saúde foram desenvolvidas em caráter interdisciplinar, envolvendo os Cursos de Enfermagem, Odontologia, Fisioterapia e Psicologia, do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA.

Nesse contexto, várias pesquisas têm evidenciado que, na adolescência, torna-se essencial a compreensão do comportamento e atitudes característicos dessa fase, a discussão acerca da família, da cultura, da identidade sexual e do contexto de vida, processo esse que necessita ser potencializado pela participação dos familiares, professores, profissionais da saúde e áreas afins (SANTROCK, 2003; CANO; FERRIANI; GOMES, 2000). Para tal, cresce a necessidade de

desenvolver ações educativas em saúde voltadas para os adolescentes, sendo essencial à atuação de equipes interdisciplinares nessas atividades.

A interdisciplinaridade, nesse contexto, caracteriza-se como integração entre diferentes áreas, sendo que a abordagem de problemas de forma criativa demanda mudanças individuais, institucionais e ações intersetoriais. Portanto, as práticas de saúde e as ações educativas tornam-se essenciais uma vez que agrupam estratégias para o estabelecimento de uma relação de reciprocidade, de mutualidade, de interação que possibilita o diálogo, o aprendizado e a participação de todos na realização dessas atividades (GALINDO; GOLDENBERG, 2008).

Dessa maneira, Ayres (2002) argumenta que um desafio que se coloca nas práticas educativas em saúde é a efetiva substituição da atitude modeladora por uma atitude emancipatória, onde os comportamentos sejam vistos como a resultante final de um conjunto de condições estruturais. Assim, um modo de enfrentar esse desafio supõe que os educadores em saúde procurem abandonar a função de detentores do saber, para serem mediadores do saber, construindo espaços educativos favoráveis ao efetivo compartilhamento das problemáticas e à criatividade individual e comunitária na busca de soluções para as questões envolvidas nas comunidades, como a gravidez entre os adolescentes e suas repercussões na vida dos mesmos.

Embora seja considerada a complexidade e a diversidade das questões envolvidas na adolescência, essa proposta de extensão comunitária focalizou, em inúmeras abordagens educativas, a questão da gravidez na adolescência. Essa preocupação vai ao encontro do que alguns autores referem ao considerarem que a gravidez na adolescência vem ocupando lugar de significativa relevância e despertando o interesse de acadêmicos, profissionais e gestores de saúde (MONTEIRO et al., 2007). Assim, torna-se fundamental que os profissionais de diversas áreas promovam o desenvolvimento de ações educativas em saúde de maneira articulada aos interesses, aspirações e essencialmente ao contexto em que esses adolescentes se inserem.

De acordo com Contini e Koller (2002), a gravidez por si só traz repercussões no agir e pensar, sendo a adolescência um período de grandes mudanças psicológicas, as quais aliadas à gravidez resultam em assunto sério e preocupante. Além disso, a gravidez na adolescência tem sérias implicações biológicas, familiares e emocionais que atingem o indivíduo isoladamente e a sociedade como um todo, limitando ou mesmo adiando as possibilidades de desenvolvimento e engajamento desses jovens na sociedade. Diante dessa realidade, tem sido tarefa difícil explicar a causa de existirem tantas adolescentes grávidas, bem como seu

crescente número a cada ano. De um lado, alguns profissionais apontam para a falta de informação, de outro, a questão centra-se numa busca pela identidade por parte dos adolescentes (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000).

Por outro lado, pesquisas realizadas mostram que o aumento do crescente número de gravidez na adolescência não é a desinformação, pois são comuns depoimentos de adolescentes contendo relatos de que engravidaram porque se sentiam abandonadas, tinham medo de ficar sozinhas ou buscavam uma realização em suas vidas. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de uma preocupação ainda maior de professores e profissionais da equipe interdisciplinar em discutir, juntamente com os adolescentes, as questões emocionais e sociais que podem levar a gravidez como forma equivocada de gerar identidade nessa fase do desenvolvimento, tão repleta de tribulações e conflitos (DUARTE, 1997).

A gravidez na adolescência traz consigo questões importantes da vida dos adolescentes, como seu convívio social, suas relações familiares e sua formação, pois mães adolescentes, muitas vezes, abandonam as escolas para cuidar de seus filhos. Dessa forma, o fortalecimento de espaços permanentes de educação em saúde, juntamente aos adolescentes, sinaliza para novas possibilidades de promover saúde no lócus cotidiano desses jovens: o contexto escolar.

Torna-se fundamental reafirmar que o desenvolvimento das oficinas de educação em saúde busca alcançar não somente a questão da gravidez de forma isolada, articulando-a com valores, identidade, desejos e escolhas dos adolescentes. Para tal, temas como afeto, gênero, autocuidado e relacionamentos familiares foram temas para a discussão nas oficinas educativas, segundo uma perspectiva ampliada.

METODOLOGIA

O projeto de extensão foi desenvolvido na Escola de Ensino Fundamental e de Educação de Jovens e Adultos Irmão Quintino, Santa Maria, RS. A referida escola encontra-se na região de abrangência da Unidade de Saúde da Família (USF) Dr. Roberto Binato, a qual possui abrangência sobre as Vilas Jockey Club, Caramelo e Prado com população adscrita de, aproximadamente, 12.700 habitantes. Essa Unidade possui duas equipes de Estratégia de Saúde da Família, sendo duas médicas, dois enfermeiros, uma odontóloga, um auxiliar de consultório dentário, dois técnicos de enfermagem, onze Agentes Comunitários de Saúde, uma recepcionista e uma funcionária para serviços gerais.

Como método de trabalho, foi proposto o desenvolvimento semanal de ações educativas interdisciplinares com ênfase nas temáticas diretamente envolvidas

na adolescência. Essas ações foram realizadas nas sextas-feiras à tarde com os alunos na faixa etária dos 12 aos 18 anos dos oitavo e nono anos da referida escola. As atividades de educação em saúde foram desenvolvidas pelos docentes, acadêmicos bolsistas e voluntários dos Cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Odontologia e Psicologia juntamente dos profissionais da equipe de saúde.

As ações tiveram como foco as Oficinas Educativas em Saúde. Essas se configuraram como metodologias participativas que discutiram além das questões pertinentes à sexualidade e à prevenção da gravidez na adolescência, envolvendo temas como: relações familiares, profissionalização, álcool e drogas, violência, identidade, questões de gênero, cuidado, autoestima, dentre outros. Os recursos metodológicos utilizados foram técnicas de grupo, mesas-redondas, jogos, filmes, músicas e construção de painéis.

No intuito de ilustrar a trajetória metodológica desses encontros com os adolescentes, serão apresentados ciclos de oficinas realizados com os adolescentes. O processo de desenvolvimento das oficinas de educação em saúde envolveu algumas etapas para sua efetivação. Primeiramente, foram realizadas reuniões juntamente à coordenação pedagógica e professores da escola para o planejamento de algumas questões envolvidas na realização das oficinas, como a delimitação das turmas, número de alunos, períodos utilizados, recursos disponíveis por parte do projeto e por parte da escola.

Essas pactuações foram efetivadas em encontros com a presença da coordenação pedagógica da escola, docentes, acadêmicos bolsistas e voluntários e profissional representante da Unidade de Saúde da Família. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UNIFRA, sob parecer nº 043.2008.2.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização do primeiro ciclo de oficinas de educação em saúde envolveu professores, acadêmicos bolsistas e voluntários, os quais se encontraram nas dependências da escola para a organização do material a ser utilizado. Na proposta dessa atividade objetivou-se conhecer os interesses, anseios e dúvidas dos adolescentes em relação ao processo de adolecer.

Considera-se a escolha de métodos participativos que partam das necessidades dos adolescentes, valorizam a opinião dos sujeitos, ao mesmo tempo em que abrem espaços para a aproximação desse público singular. Conforme argumenta Militão (1999), após o esclarecimento da proposta, é de grande

importância o uso de uma dinâmica de apresentação, uma vez que essa promove um melhor entrosamento entre os participantes e descontração em um momento tenso como o primeiro encontro.

A partir da apresentação de todos os envolvidos na proposta educativa, partiu-se para a descrição da proposta de trabalho: em pequenos grupos, os alunos expressariam em um cartaz, por meio de recortes de jornais e revistas, desenhos ou escrita, a frase sugerida no quadro: o que queremos saber sobre adolescência? Foram distribuídos jornais, revistas, tesouras, cola, cartolinas, canetas hidrocores e giz de cera para a produção dos cartazes. Os acadêmicos participantes do projeto distribuíram-se a fim de assessorar cada grupo de trabalho. Após a produção dos cartazes, houve a apresentação e socialização das principais ideias construídas pelos pequenos grupos.

A realização dessa dinâmica grupal possibilitou que os alunos trouxessem questões extremamente variadas, onde se destacaram temas que ressaltavam a importância de temas aprendidos em sala de aula, como a importância de proteger a natureza, alimentação, música e artes, tangenciando assim o tema proposto. Também emergiram temas estreitamente relacionados com a fase da adolescência como corpo, amor, sexo, beleza, esporte, amizade, drogas, gravidez precoce e iniciação sexual.

Em consonância com a variedade de temas que perpassam a adolescência, segundo a construção realizada pelos mesmos, destaca-se que essa se trata de uma etapa de transição, às vezes considerada difícil para o adolescente, bem como para sua família, que muitas vezes não se encontra preparada para lidar com as exigências dessa fase, de modo especial com a sexualidade.

Após esta construção coletiva, houve um encontro entre os participantes do projeto a fim de que cada cartaz fosse analisado e os temas recorrentes fossem categorizados, de acordo com cada unidade de significação, para que o planejamento da próxima atividade pudesse contemplar os interesses dos adolescentes. Destaca-se que a análise desses assuntos elencados pelos próprios adolescentes foi extremamente relevante para o planejamento das ações educativas desenvolvidas após essa oficina inicial.

No ciclo de oficinas seguinte o principal foco foram as temáticas da identidade, comportamento e autoimagem como assuntos eleitos para serem desenvolvidos. A equipe de participantes do projeto reuniu-se, organizou materiais e discutiu possíveis formas de desenvolver a atividade. Essa oficina teve como primeiro momento a construção do autorretrato dos adolescentes. Para essa construção foi sugerido que imaginassem se correspondendo por carta com uma

pessoa que nunca os enxergou e, por isso, pediu-lhes que enviassem um desenho de como é a pessoa com quem se correspondem. Para tanto, foi necessária a realização de um desenho tal qual se visualizavam no espelho. Foram distribuídas folhas de papel A4, canetas hidrocores, giz de cera e lápis de cor para a execução da atividade.

Essa temática foi priorizada, pois considerou-se que não há como não pensar em identidade ao falar sobre adolescência, pois é nessa fase que surge a inquietante questão sobre o ser humano: quem eu sou?. A identidade é conceituada por Campos (1991) como uma característica de cada momento evolutivo, sendo necessário o conhecimento da individualidade biológica, psicológica e social. Isso possibilita um sentimento interno de unidade da personalidade sentida pelo indivíduo e reconhecida pelo outro.

Para melhor entendimento sobre esse processo, na maioria das vezes conflitante, Berger (2000) descreve o funcionamento dessa etapa sob a visão dos adolescentes que, ao tentarem optar do começo ao fim dentre os seus possíveis “eus”, esses frequentemente optam por um “eu falso”, agindo de maneira contrária à essência do seu ser, mesmo sem ter certeza de sua verdadeira essência. Os “falsos eus” tornam-se evidentes quando o adolescente percebe-se rejeitado pelos pais e colegas, quando tentam impressionar ou agradar os outros para se sentirem mais acolhidos ou ainda quando fazem testes com diferentes comportamentos para ver como se sentem.

Após o desenho individual, solicitou-se que fossem escritos, ao lado do autorretrato, qualidades e defeitos próprios, não apenas relacionados aos aspectos físicos, mas também ao comportamento e personalidade. Perguntou-se qual foi a maior dificuldade, se foi falar de qualidades ou defeitos e a justificativa para cada resposta, se sempre tiveram esse comportamento e como as pessoas reagiram frente a isso. A técnica do desenho desvelou os sentimentos dos adolescentes diante de si mesmo, em interação com suas próprias mudanças, salientando, principalmente, as etapas do processo de identidade no qual o adolescente está construindo.

A partir dessa vivência partiu-se para o segundo momento que envolveu uma técnica musical, após a distribuição de cópias da letra da música “Não vou me adaptar” da banda Titãs. Após exibição da música por meio de equipamento de som, deu-se continuidade à discussão. A música suscitou identificação por parte dos alunos, que concordaram com os trechos que falavam das mudanças corporais e sentimentos de incompreensão. Discutiu-se, ainda, a dificuldade de se falar sobre si mesmo e de comunicar-se com os pais.

Muito comum na adolescência são os conflitos com os pais, uma vez que a necessidade de autonomia dos adolescentes e as tentativas de se empenhar

em comportamento adulto, a fim de provar a maturidade, podem contribuir para o conflito familiar (PAPALIA, 2000). Ainda, associados às tensões da puberdade e à necessidade de firmar independência, os conflitos e rivalidades tornam-se iminentes entre pais e adolescentes. Os pais têm interesse em acreditar que está tudo bem e os filhos adolescentes não mostram tanta rebeldia. Por outro lado, o adolescente tem interesse em acreditar que seus pais são limitados, antiquados e fora de alcance (BERGER, 2000).

A técnica musical envolveu identificação de sentimentos que correspondem à fase adolescente, tendo em vista que a música provocou familiarização das sensações do corpo em transição como algo estranho e desconhecido. Nesse sentido, segundo Bom (2005), o adolescente necessita de tempo para elaborar sua tristeza pelas perdas sofridas. Perdas no que diz respeito ao processo de transformação física, através de uma série de mecanismos hormonais, sendo estes os responsáveis por um longo processo de modificações. Essas transformações que envolvem os adolescentes são produzidas de forma relativamente lenta e homogênea na maioria dos indivíduos.

Como último momento dessa oficina, prestigiou-se os desenhos realizados pelos alunos, sendo oferecido um painel para que cada participante colasse seu desenho e os apresentasse ao grupo caso houvesse interesse. Essa técnica de grupo possibilitou que os adolescentes realizassem um exercício de autoconhecimento, essencial para a realização de escolhas conscientes presentes em seu cotidiano, além de trabalhar sua autoestima na medida em que foram instigados a refletirem sobre suas limitações, mas essencialmente, sobre suas potencialidades.

Observa-se que a autoestima é um aspecto importante da identidade, pois se trata da confiança em si mesmo que expressa os verdadeiros sentimentos de maneira adequada, o que mantém um relacionamento saudável consigo mesmo. É comum, nessa fase do desenvolvimento humano, o adolescente encontrar conforto em estar com outros que estejam passando por mudanças semelhantes. Dessa forma, os adolescentes buscam os amigos para buscar o que é certo e errado, além de serem fonte de afeto, experimentação e autonomia. A intensidade das amizades é maior do que em qualquer outra época, considerando a lealdade como necessária mais do que a competição (PAPALIA, 2000).

A denominação de autonomia é uma palavra que está ligada a uma ação, a um fazer e pensar. Autonomia significa movimentos autônomos, liberdade moral e intelectual. Tratando-se de adolescentes, esses movimentos apenas se expressam quando estes já fizeram algumas superações, todavia é importante esclarecer que os movimentos não são apenas físicos, mas movimentos dos seus pensamentos (SILVA, 2003).

Além desses temas trabalhados nas oficinas educativas em saúde, os quais foram discutidos nessa construção, reitera-se que foram discutidas, juntamente aos adolescentes, questões ampliadas e contextualizadas ao cotidiano dos mesmos. Com as ações desenvolvidas nesse projeto de extensão, buscou-se que os adolescentes tivessem um maior contato com temáticas que os instrumentalizassem para escolhas conscientes e que potencializassem atitudes de autocuidado, tão necessárias quando se trata do universo do adolescer.

CONCLUSÃO

O fortalecimento de espaços permanentes de educação em saúde, juntamente aos adolescentes, sinalizou para novas possibilidades de promover saúde no lócus cotidiano jovens: o contexto escolar. Tornou-se fundamental que o desenvolvimento das oficinas educativas não estivesse pautado somente na questão da gravidez de forma isolada, pois considerando que a saúde, atualmente, é entendida em seu sentido mais amplo, como um produto de múltiplos determinantes, foram também contempladas temáticas mais abrangentes no que se refere aos processos educativos em saúde na comunidade.

Com relação às contribuições dessa proposta para a equipe de docentes e discentes envolvidos no projeto, destacaram-se as abordagens educativas em saúde capazes de contemplar a temática da adolescência em sua diversidade e complexidade. Além disso, a criação de espaços educativos em saúde, no interior da escola, permitiu o compartilhamento de saberes, o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva e o estímulo à autonomia dos envolvidos nesse processo. Considera-se que as ações desenvolvidas fortaleceram a parceria escola-universidade e a atuação interdisciplinar em saúde, entendida, nesse contexto, como a principal ferramenta de atuação em saúde coletiva.

REFERÊNCIAS

- AYRES, J. R. C. M. Práticas educativas e prevenção de HIV/AIDS: lições aprendidas e desafios atuais. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**. v. 6, n. 11, p. 11-24, 2002.
- BERGER, K. **O desenvolvimento da pessoa: da infância a adolescência**. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.
- BOM, M. **Revista Psicologia-Brasil**. v. 3, n. 21, p. 36-37, 2005.

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 8, n. 2, p. 18-24, 2000.

CAMPOS, D. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CONTINI, M. L. J.; KOLLER, S. H. **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

DUARTE, A. **Gravidez na adolescência: ai como eu sofri por te amar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Arte e Contos, 1997.

GALINDO, M. B.; GOLDENBERG, P. Interdisciplinaridade na graduação em enfermagem: um processo de construção. **Revista Brasileira de enfermagem**, v. 61, n. 1, p. 18-23, 2008.

MILITÃO, A. **SOS: dinâmicas de grupo**. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

MONTEIRO, C. F. S. et al. A violência intra-familiar contra adolescentes grávidas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 4, p. 373-376, 2007.

PAPALIA, D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2003.

SILVA, M. V. **Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.